

QUANDO A PANDEMIA ACABAR, não restauremos a Igreja sacramentalista do passado, saiamos para a rua a evangelizar, sem proselitismos, a anunciar, com alegria, a boa nova de Jesus aos que não entram nos templos. Deste modo, terá pleno sentido celebrar, na comunidade cristã, a fração do pão e os outros sacramentos.



de uma Igreja sacramentalista
a uma Igreja evangelizadora

EIS ALGUMAS DAS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA: o encerramento de todos os locais de culto, de todas as igrejas e templos; também as bênçãos *Urbi et Orbi* de Francisco passaram a decorrer perante um praça e uma basílica de São Pedro vazias. Muitos auguravam uma quaresma e uma Semana Santa muito pobre, sem celebrações litúrgicas, sem Via Sacra nem procissões.

E, contudo, foi um Semana Santa extremamente intensa e rica, não só por ter havido um participação mediática nas celebrações, como por algo mais profundo ainda: viver de perto a paixão do Senhor na paixão e sofrimento dos enfermos, leitura do evangelho e oração em família, passar pela experiência de ajudar adultos solitários e de colaborar com os vizinhos, sessões de aplausos a médicos, trabalhadores da saúde, encarregados dos transportes, trabalhadores das farmácias e supermercados, a voluntários de distribuição de comida, etc. Os protagonistas desta Semana Santa não foram os padres, nem sequer as suas transmissões mediáticas, mas sim as famílias, leigos e leigas, os e as jovens.

Desenvolveu-se uma Igreja doméstica, com os leigos a serem os protagonistas, onde foram os pais, e não o pároco, a ensinar os filhos a rezar antes de adormecer. Onde houver dois ou três reunidos em nome do Senhor, ele estará no meio deles.

Talvez muitos pensem que este encerramento das igrejas tenha sido só um parêntesis pastoral, e que, em breve se voltará à situação anterior. Outros, como o sociólogo e teólogo Tomás Halik, de Praga, afirmam, claramente, que este é um tempo favorável e de graça, um *kairós*, um sinal dos tempos, é Deus a pretender revelar-nos algo.

Que querará Deus revelar-nos? Cada um pode dar a sua própria resposta, mas, a nível eclesial, talvez se possa pensar **que o Espírito nos convida a**

passar de uma Igreja sacramentalista e clerical, para uma Igreja evangelizadora.

Uma Igreja sacramentalista é a que se identifica tanto com os sete sacramentos, que corre o risco de considerar o clero como o protagonista da Igreja, e o templo como o seu centro autorreferencial ou próprio, enquanto marginaliza os leigos, descarta a evangelização, o anúncio da Palavra, a iniciação à fé, a oração, a formação cristã, esquecendo a formação de uma comunidade cristã, e de um laicado de cidadãos responsáveis e solidários com os pobres e marginalizados. Muitos párocos se angustiam com a rápida diminuição da frequência dos sacramentos e com o envelhecimento dos seus fiéis.

Uma Igreja evangelizadora é a que faz o que fez Jesus: anunciar a boa nova do Reino de Deus, pregar, curar os doentes, comer com os pecadores, dar de comer a quem tem fome, libertar de toda a opressão e escravidão. Era este o programa de Jesus na sinagoga de Nazaré: dar vista aos cegos, libertar os cativos, evangelizar os pobres, anunciar a graça e a misericórdia de Deus. Na última ceia, Jesus instituiu a eucaristia, mas o evangelho de João situa na última ceia a lavagem dos pés e o novo mandamento do amor fraterno, completando a dimensão litúrgica com a mais existencial, evitando assim que a eucaristia se convertesse num mero rito vazio.

Não se trata de esquecer os sacramentos, mas sim de os valorizar como “sinais sensíveis e eficazes da graça”, sempre, porém, à luz da fé e da Palavra, para que não se convertam em magia e passividade. É por isso que qualquer celebração sacramental é, sempre, antecedida pela celebração da Palavra; o **Concílio Vaticano II** afirma que a primeira missão dos bispos e presbíteros consiste em anunciar a

Palavra de Deus.

É certo que “a eucaristia faz a Igreja”, que sem eucaristia não há Igreja plenamente constituída, mas esta frase deve ser completada com a sua contrapartida: “a Igreja faz a eucaristia”, pois é toda a comunidade presidida pelos seus pastores, que celebra a eucaristia, sem o tecido de uma comunidade eclesial não haveria eucaristia.

O cardeal Jorge Bergoglio, no conclave da sua eleição como bispo de Roma, apresentou-nos uma original interpretação do texto do Apocalipse 3,20, em que o Senhor bate à porta para que lhe abram. Habitualmente, esta passagem é entendida como sendo o Senhor a querer que lhe abramos a porta para entrar em nossa casa. Bergoglio, porém, diz que, o que o Senhor nos pede, agora, é que lhe abramos a porta e o deixemos sair para a rua.

É por isso que Francisco fala de “uma Igreja em saída”, em direção às fronteiras, hospital de campanha, a cheirar a ovelha, que encontra Cristo nas feridas do povo e da Igreja, que cuida da nossa casa comum, andarilha da fé, como Maria que foi a correr visitar sua prima Isabel. Não se trata de transformar a Igreja numa ONG, pois a eucaristia, memorial da morte e ressurreição de Jesus, é o cume da vida cristã, porém, só se alcança esse cume pelo caminho da fé e do seguimento de Jesus.

Às vezes, são os poetas quem melhor entende os mistérios da fé. As reflexões do poeta catalão Joan Maragall, perante uma igreja incendiada durante a Semana Trágica de Barcelona, no ano de 1909, podem tornar-se muito atuais. Quando, num domingo, Maragall entrou na igreja que tinha sido incendiada na semana anterior,

escreveu o seguinte:

“Nunca tinha ouvido uma missa como aquela. A abóbada da igreja arruinada, as paredes enegrecidas pelo fumo e sem revestimento, os altares destruídos, ausentes, sobre todo aquele grande vazio escuro, onde antes estivera o altar-mor, o pavimento invisível coberto pelo pó dos escombros, a ausência de bancos onde nos sentarmos, e toda aquela gente de pé ou ajoelhada, diante de uma mesa de madeira com um crucifixo em cima, e um jorro de sol a entrar pela brecha da abóbada, com uma multidão de moscas a bailar à luz crua que iluminava toda a igreja e nos fazia crer estarmos a ouvir missa em plena rua...”.

A Maragall, aquela missa, após a violência anticlerical da Semana Trágica, pareceu algo de novo, um recanto das catacumbas dos primeiros cristãos. Ele achava que **a missa devia ser sempre assim: uma porta aberta para os pobres, os oprimidos, os desesperados, para quem a Igreja foi fundada, e não uma porta fechada ou um espaço enriquecido** “sustentada pelos ricos e poderosos, que se apressam a vir adormecer o seu coração na paz das trevas”. Não se deve reedificar a igreja queimada, nem colocar-lhe portas.

Não pode estabelecer-se um paralelismo fácil entre a Semana Trágica e a atual pandemia, mas a intuição do poeta continua válida: não voltemos a edificar a igreja de antes.

Quando a pandemia acabar, não restauremos a Igreja sacramentalista do passado, saíamos para a rua a evangelizar, sem proselitismos, a anunciar, com alegria, a boa nova de Jesus aos que não entram nos templos. Deste modo, terá pleno sentido celebrar, na comunidade cristã, a fração do pão e os outros sacramentos.

Víctor Codina. Teólogo jesuíta.

https://blog.cristianismejusticia.net/2020/05/05/de-una-iglesia-sacramentalista-a-una-iglesia-evangelizadora?fbclid=IwAR305JE7MxtZ10PLGOV3zEnRBUGhtyzC6Gy8d18S1-k8nWFJQI_h3krig

«Uma máscara esconde, uma máscara oculta a identidade ou a verdade de um ser ou de uma coisa, o que revela, aliás, a etimologia da palavra ‘disfarce, fingimento’».



Foto – Alfredo Cunha

máscaras, pessoas e personagens

Na Antiguidade, entre os Gregos e os Romanos, as máscaras eram utilizadas no teatro e serviam para caracterizar a personagem que ali se queria representar. Como os papéis eram desempenhados apenas por homens, as máscaras denunciavam também o tipo de personagem, masculino ou feminino e era, ainda, através da mudança de máscara que o mesmo actor conseguia representar duas ou mais personagens numa mesma peça.

Havia a máscara do velho e a do jovem enamorado; distinguia-se a máscara da comédia e a máscara da tragédia. Assim, a assistência sabia, pela máscara, em latim *persona*, qual o tipo de peça teatral a que ia assistir e que tipo de personagem era aquela que aparecia. A máscara levava, portanto, à primeira reacção da assistência, ela denunciava uma característica, escondia o actor que estava debaixo dela e apresentava uma personagem com características distintas dele. Debaixo da *persona*, o indivíduo tornava-se outro; dizia-se *personam tenere* para significar “desempenhar um papel”, a *persona* era o fingimento, o disfarce. A palavra *persona* designava o carácter do actor que ali desempenhava um papel. Passou, assim, também ao sentido de “individualidade”, ao significado presente no vocábulo português daí derivado “pessoa” e “personalidade”.

Diz-se que Quinto Róscio, um famoso actor

cómico do século I a.C. foi o primeiro, em Roma, a usar máscara para desse modo esconder o seu estrabismo.

Fedro, escritor romano, tem uma fábula sobre a raposa e a máscara (*Vulpes ad personam tragicam*) em que nos conta a reacção da raposa quando encontrou uma máscara de tragédia.

Observando-a atentamente, e admirando a sua beleza, terá exclamado: “O quanta species cerebrum non habet!”, que bela aparência, mas não tem cérebro. A máscara é apenas o exterior, pode ter grande beleza, mas falta-lhe o mais importante, aquilo que fará dela um humano, uma pessoa. Não interessa, pois, a glória feita de aparências...

É através dessa

característica específica que *persona* dá em português palavras como personalizar, atribuir características próprias, específicas de uma determinada pessoa, e da pessoa que tem características bem vincadas diz-se que tem personalidade, pois possui ideias muito pessoais; quando, em literatura, atribuímos a uma coisa ou a um ser irracionais características próprias de pessoas, de seres humanos, estamos a construir uma personificação, a personificar e, no mundo da ficção, temos personagens, homens ou mulheres, seres com características próprias que se assemelham a pessoas do mundo real.

Hoje somos todos personagens, com as nossas *personas*, com a máscara que disfarça e protege nas suas diferentes aplicações.

Vemos, portanto, que o vocábulo perdeu em português aquele sentido que tinha no teatro antigo.

Para designar o que oculta, o que esconde a verdadeira pessoa, o vocábulo português “máscara” veio através do italiano *maschera* (que, por sua vez, terá vindo do latim medieval “masca” ou, talvez, do árabe).

Sempre, oportunamente, atenta aos temas da actualidade, é de máscaras que nos fala a última crónica semanal de PASCALE SEYS (aqui), uma reflexão que se ouve sempre com agrado, pelas muitas e variadas relações que estabelece.

Aqui se apresenta a sua tradução na totalidade:

“Masques et bergamasques” [1]

"Em 1751, Voltaire apoderou-se de uma lenda que ampliou de forma fenomenal para fins políticos. No capítulo XXV do seu livro “História do século de Luís XIV”, o filósofo faz referência a um misterioso prisioneiro clandestino que o poder disse ter morrido por causa da peste. Mas quem é então o prisioneiro desconhecido? É um laçao ou um homem importante? É o superintendente das finanças Nicolas Fouquet? É d’ Artagnan, é o amante da Rainha? Ou trata-se do irmão clandestino, o gémeo indesejado de Luís XIV, como pretendiam depois de Voltaire, Alexandre Dumas e Marcel Pagnol? Ninguém conhecia a

identidade do prisioneiro e o mistério permanece. O homem, parece, gostava de roupa fina e apreciava rendas, e se beneficiava de um tratamento privilegiado no seu cárcere, entre todos os sinais particulares, havia um que vai verdadeiramente alimentar o fogo da sua lenda: o prisioneiro usa uma máscara, uma máscara de ferro. E Voltaire acrescenta que tinham ordem de matar o prisioneiro da máscara de ferro, se ele destapasse o rosto. A existência de uma permissão de matar contra aquele que levanta aquilo que o revela atesta ao mesmo tempo a importância da função da máscara e do valor daquilo que ela oculta."

"Uma máscara esconde, uma máscara oculta a identidade ou a verdade de um ser ou de uma coisa, o que revela, aliás, a etimologia da palavra “disfarce, fingimento”. Mascarar-se é sair da sua maneira, quer dizer, sair da sua maneira habitual de ser. Trazer uma máscara equivale, pois, a sair da sua verdade, o que se chama também: uma mascarada. Mas as máscaras têm o seu deus: Dioniso, um deus

paradoxal, inatingível, cheio de epicleses [2]. Não se sabe se é velho ou jovem, se defende os excessos do vinho ou antes a abstinência. Dioniso encarna o espírito do teatro e de um disfarce em relação ao outro, ele é o deus das metamorfoses. Como nós e como as borboletas, Dioniso é inconstante, plural e rico nas suas transformações. Ele é o deus das máscaras que, debaixo da sua máscara, esconde outras máscaras até ao infinito: é a sua verdade."



"No Reino Unido, nos corredores de um hospital de Southampton, o artista BANKSY realizou uma obra de um metro quadrado, a preto e branco. Representa um menino de fato de macaco que agita, na sua mão, uma boneca com os traços de uma super-heroína: é uma enfermeira de máscara, vestida com uma capa e um avental. Aos pés do menino, relegados sem consideração, Batman e Superman estão juntos num cesto dos papéis. A mensagem de BANKSY é clara: no reino dos heróis mascarados, são as enfermeiras que destronam em heroísmo e em verdade os super-heróis de ficção. O que podemos imaginar, através do olhar da criança que brinca, é que debaixo da máscara da enfermeira, debaixo da sua capa e do seu avental bate um coração que

atravessou lutos."

"E se a máscara esconde a coragem, a fadiga, tal como as lágrimas de quem faz face à morte, então o disfarce pode vestir de verdade uma das mais belas formas de heroísmo que existe: o heroísmo do pudor. Nietzsche não se enganou quanto a isso, ele que enunciava este paradoxo num grande texto, sob o título "Prelúdio de uma filosofia do futuro" onde dizia: "Tudo o que é profundo ama a máscara".

Notas:

[1] *bergamasque*: alusão, com certeza, ao poema de Paul Verlaine (poeta francês do século XIX), *Clair de Lune*, que começa assim:

*Votre âme est un
paysage choisi
Que vont charmant
masques et
bergamasques
Jouant du luth et
dansant et quasi
Tristes sous leurs
déguisements
fantasques.*

[2] *epiclise*: em grego ἐπικλησις, significava "sobrenome", mas também "invocação" de uma ou mais divindades.

por **ISALTINA MARTINS**

<http://dererummundi.blogspot.com/2020/05/mascaras-pessoas-e-personagens.html#comment-form> (15.05.2020)

a solidão não se mede aos palmos



a solidão dos (mais) novos é, porventura, aquela mais submersa, mais enigmática e confusa para os próprios sujeitos, aquela sobre a qual falamos menos

Por vezes, dentro de uma casa, a solidão mais invisível é a dos jovens. A solidão não se mede aos palmos — isto deve ser explicado a quem pensa que ela está confinada ao mundo dos adultos. É certo que, a partir de certa idade, e de uma sucessão de acontecimentos desamparados com os quais se colide, surge esse coágulo da alma, que luta para se tornar fixo. Não admira que os adultos farejem mais recorrentemente a solidão uns nos outros, lhe reconheçam os códigos, despistem os seus ziguezagues... Mas, por serem adultos, podem também fazer uso de mais recursos internos, de forças que possuam já ou que procurem, para fazer-lhe frente. A vulnerabilidade dos (mais) velhos é ainda outro discurso, porque aí a solidão, não raro, é um eufemismo para ocultar a palavra abandono. E, sobre isso, as nossas sociedades precisariam de refletir

melhor. Mas a solidão dos (mais) novos é, porventura, aquela mais submersa, mais enigmática e confusa para os próprios sujeitos, aquela sobre a qual falamos menos. Possivelmente só daqui a muitos anos, por exemplo, vamos perceber como é que a geração das crianças e adolescentes de hoje viveu esta experiência da pandemia, que medos e incertezas se alojaram neles pela primeira vez ou que perguntas sem resposta se fizeram. Só mais adiante compreenderemos o que representou para eles o fecho abrupto das escolas, a distância dos amigos e coetâneos ou este regresso a uma intensidade da família nuclear, que antes talvez não haviam tido. Contou-me uma amiga que um dos filhos à mesa, tentando interpretar a situação extraordinária que a família está a viver, disse: “Acho que estamos aqui a construir memórias.” Todos

olharam para ele, espantados com a grandeza inesperada da definição na boca de um fedelho, mas seguramente aquelas palavras corresponderam dentro dele a emoções, a um esforço concreto de aproximação a uma realidade complexa, a um apaziguamento que encontrou quando foi capaz de justificar a estranheza com uma missão que unia — e unirá depois ainda — toda a sua família, pois as memórias são, como se sabe, moedas para ser usadas no país do futuro.

Nós adultos esquecemo-nos depressa de como as vidas são fragilmente construídas sobre certezas cuja evidência depende da confiança, e que esta é um tão longo e feliz e sofrido caminho

Muitas vezes, quem os vê armados de tecnologia, estirados pela casa, aparentemente fechados nos seus interesses, com a cabeça noutro lado, a responder com monossílabos a frases inteiras não imagina que esse é o modo possível de se protegerem de um mundo que sentem em derrapagem. Que quando vagueiam numa passividade onde só vemos desnorte e indolência eles estejam engolidos, com uma dolorosa reverberação que não captamos, pelo indizível espanto de se terem olhado ao espelho, e de se interrogarem como

serão ao acordar no dia seguinte, e no mês seguinte. E que quando parecem implicativos e agressivos estão, a bem dizer, apenas assustados. Nós adultos esquecemo-nos depressa de como as vidas são fragilmente construídas sobre certezas cuja evidência depende da confiança, e que esta é um tão longo e feliz e sofrido caminho.



Ganharíamos tanto se em vez da pressa dos juízos nos déssemos ao trabalho de sintonizar com a solidão dos outros, aprendendo assim a reconciliar-nos com a nossa. A solidão é uma das primeiríssimas experiências de humanidade que fizemos. Lembro aquilo que escreveu a pedopsiquiatra Françoise Dolto: “A solidão dos bebés existe. Eles têm necessidade de que lhes falem, de que lhes cantem, mesmo se ao longe. Ouvem uma voz, não estão completamente sozinhos. O ser humano precisa de companhia. O espaço de um ser humano, desde o nascimento, precisa de ser povoado pela presença psíquica de outro ser para o qual ele existe.”